

ROCCO ENTREVISTA PALOMA VIDAL

Autora que coloca o deslocamento e o desenraizamento no centro de sua obra literária, Paloma Vidal retorna, nesta obra, a temas que lhe são caros como a condição de estar entre línguas e os modos como os lugares definem a subjetividade.

1 - Exílio, deslocamento, as zonas pardas da memória, a experiência tátil da vida numa cidade: elementos de seus outros livros ressurgem com vigor em *Mar azul*. Como você enfrentou o desafio de acentuar, numa nova história, essa dicção tão característica?

Escrever *Mar azul* me fez ver algo que para mim não era tão óbvio: cada livro é um livro. Embora haja ambientes, memórias, afetos em comum com os livros anteriores, eu me deixei guiar pela personagem deste romance cuja voz foi algo novo para mim. Pois é a voz de alguém velho, de alguém que viveu a infância, a adolescência e parte da juventude na Argentina, e escreve submersa na lembrança dessa época, entre meados dos anos 50 e meados dos anos 70, e por sua vez para quem o português é uma língua adquirida tardiamente, mas que ela adota porque inclusive é isso que a fixa no presente e no lugar em que está.

2 – Seu livro se divide em duas partes de estilos distintos. A primeira é tomada pelo diálogo direto entre duas adolescentes. A segunda apresenta o diário de uma dessas meninas, quando já idosa. Por que dois fios narrativos tão marcantes?

O uso do diálogo sem narrador no início está relacionado a experiências que tenho tido recentemente escrevendo para teatro. Nesse trabalho me dei conta de que há um tipo de intimidade muito singular que se pode criar através dessa forma, sem mediação, e quis experimentar isso no livro, justamente no momento em que aparece um fragmento da história vivida na adolescência entre a protagonista e sua melhor amiga. Eu queria criar uma relação de muita proximidade que de alguma maneira contrasta com a vivência de solidão da personagem na velhice, ao mesmo tempo que em vários sentidos a antecipa; queria que a conversa entre essas duas meninas ficasse como eco para os leitores durante a leitura das lembranças da protagonista.

3 – A história da protagonista de *Mar azul* nunca se dá a ver por inteiro. Apenas nesgas de fatos e ações aparecem salpicadas, frutos de uma memória um tanto indecisa. O leitor, em seus livros, apenas “suspeita” de uma história. O quanto essa espécie de penumbra é cara à sua obra?

A verdade é que escrevo na penumbra. Sei muito pouco do que vai acontecer. E neste livro isso se acentuou muito: foi uma experiência de me sentar, escrever o número do capítulo e me deixar levar pelo cotidiano da personagem. É a partir desse cotidiano, pautadas nas pequenas ações diárias, que as lembranças emergem numa reconstrução do passado que é muito frágil, porque ela não sabe se quer lembrar, tem medo de lembrar, mas no final das contas a escrita acaba sendo uma maneira de preencher os dias e se torna assim fundamental para ela.

4 – É sua segunda empreitada no romance, após ter se destacado no cenário da literatura contemporânea com os contos. O quanto a experiência com as histórias longas é diferente daquela com os textos curtos?

Um livro de contos se escreve numa temporalidade muito diferente de um romance. Em geral, de maneira mais descontínua e mais aleatória. Nem sempre dizemos: vou escrever um livro de contos. Os contos vão aparecendo, quando se está disponível para eles. Com o romance parece que há sempre uma obsessão maior em jogo – um projeto, por assim dizer. No caso de *Mar azul*, houve realmente um processo muito intenso de seguir a voz da personagem, e quando comecei a escrever fui com ela até o final, interrompendo o trabalho apenas quando não havia outro jeito.

5 – Em *Mar azul*, a escrita representa um beco sem saída da memória. A protagonista e o seu pai escrevem para não esquecer – e, apesar disso, compõem diários repletos de elipses. Você também escreve para, de alguma forma, não esquecer?

Desenvolvi uma relação muito vital com a escrita. Em algum momento me dei conta de que isso efetivamente dava um sentido para as coisas, não só para as lembranças, mas para a vida cotidiana mesma; quer dizer, a escrita serve para guardar, e nesse sentido está ligada a uma tarefa bastante melancólica, mas serve também para se livrar das coisas, para ir adiante, para colocar em movimento. Nesse aspecto sou muito próxima da personagem de *Mar azul*, porque acho que ela escreve para lembrar, mas também para fazer passar os dias.